

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O uso dos transgenicos na agricultura "e um terrivel engano" [The use of transgenics in agriculture "is a terrible mistake"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bercovich, Alejandro
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-07 16:31:52
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163302">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163302</a>

aceitar a idéia de que o próprio universo é Deus, que na sua onisciência e onipresença não teve princípio nem fim.

**JBE - Qual o objetivo das pesquisas espaciais?**

**RM** - Científico. O interesse das nações é manter a conquista do espaço cercada da mesma visão de pureza que envolve as pesquisas astronômicas. Assim, esconde-se o objetivo bélico, que apesar de pouco divulgado parece ser talvez o mais importante. O aparente sucesso dos EUA, ou melhor, de Bush no Afeganistão e no Iraque é consequência do avanço científico e tecnológico das tecnologias espaciais. Durante quase meio século da era espacial podemos afirmar que o futuro tecnológico e sociológico da humanidade é imprevisível. Existe sempre o perigo da censura à pesquisa científica sem aplicação imediata, que pode emperrar o desenvolvimento da nação. Assim, a ameaça de um bioarmagedon – uso das armas biológicas de destruição em massa - é uma ameaça só possível de ser realizada pelos países que detêm uma tecnologia espacial muito avançada o que não seria o caso do Iraque. É necessário que se dê uma educação voltada contra qualquer forma de violência, qualquer forma de guerra. A pesquisa espacial estimulou a consciência ecológica do homem, mostrando que no sistema solar existe um único planeta com uma só planície amazônica e um único pantanal matogrossense. Na realidade, o único paraíso do sistema solar é o planeta Terra, onde existem as condições que fizeram surgir essa forma inexplicável e tão bela de energia que é a vida.

**JBE - Qual o papel do homem no universo?**

**RM** - Compreendê-lo e colonizá-lo para o seu próprio bem. Se não o fizer, a humanidade terrestre vai desaparecer e sem dúvida uma outra humanidade alienígena poderá realizar o que não conseguimos realizar.

## **O USO DOS TRANSGÊNICOS NA AGRICULTURA “É UM TERRÍVEL ENGANO”**

*Traduzimos a entrevista com o economista Jeremy Rifkin, publicada no jornal **Página/12**, de 12 de setembro de 2004, que foi feita por Alejandro Bercovich. Graduado em Economia e professor de Economia e Relações Internacionais de várias universidades estadunidenses, Jeremy Rifkin se define como um militante de esquerda. Atualmente, preside a Fundação de Tendências Econômicas, uma ONG que, em 2002, chegou a apresentar petições em 50 países contra as patentes das sementes transgênicas. Um de seus livros mais difundidos é **A era do acesso**. (São Paulo: Makron Books, 2001), juntamente com **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no **IHU On-Line** n.º 67, de 7 de julho de 2003<sup>11</sup>. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como **O Fim dos Empregos** (1995); e **O século da biotecnologia** (1999); todos editados pela Makron Books, de São Paulo. Seu mais recente livro **O sonho europeu: como a visão européia do futuro está eclipsando o sonho americano**, lançado recentemente na Espanha, pelas Edições Paidós, é o tema de um artigo, escrito pelo autor, que reproduzimos na 115ª edição, de 13 de setembro de 2004.*

<sup>11</sup> De Rifkin também publicamos uma entrevista na edição número 51, de 17 de março de 2003, sob o título "Rifkin: a Guerra pelo petróleo"; um artigo, na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003, sob o título "O que podemos aprender dos animais"; outro artigo na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, sob o título "Retorno de um quebra-cabeças"; e mais outro na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sob o título "O princípio preventivo". (Nota do **IHU On-Line**).

Define-se como esquerdista, e as multinacionais pagam para escutá-lo. *The National Journal* o catalogou como uma das 150 personalidades mais influentes na hora de fixar as políticas públicas de seu país. Jeremy Rifkin assegura que, nos próximos 20 anos, a escassez de petróleo disparará uma crise muito maior que a de 1973. Prognostica, então, que se utilizarão fontes de energia renovável como o hidrogênio, o qual modificará completamente as instituições e as formas de relação social no mundo, tal como o fizeram o carvão e o próprio petróleo. Rifkin é o guru preferido dos ambientalistas europeus e norte-americanos e alcançou a fama mundial com *O fim do trabalho*, que publicou em 1995. Por sua vez, é idolatrado por bem-sucedidos homens de negócios que pagam milhares de dólares para ouvir suas conferências, nas quais investe contra as multinacionais. Convidado a Mar del Plata pela Associação de Concessionários de Automóveis (Acara), Rifkin manteve um extenso diálogo com o Cash, suplemento econômico do jornal *Página/12* no qual considerou que a Argentina cometeu “um terrível engano” ao adotar as sementes transgênicas para seus cultivos, e que concedeu “um poder enorme a um punhado de empresas” ao privatizar YPF<sup>12</sup> durante a década passada. Também recomendou que o Governo “passe menos tempo escutando Washington e mais escutando Bruxelas”.

#### **Acredita que o preço do petróleo vai continuar aumentando?**

É possível que o preço flutue um pouco, mas não voltará para os valores anteriores, de menos de 20 dólares. O uso do petróleo aumenta dois por cento ao ano e existem cifras e cálculos do Departamento de Energia dos Estados Unidos e da OCDE que mostram que, em termos geológicos, há limites muito claros para a extração de petróleo a baixos preços. Uma vez que se chegue a esse pico, o preço vai aumentar de forma vertiginosa. Mas os geólogos reavaliaram, com novos estudos, as reservas mundiais, e agora dizem que esse momento vai chegar entre 2010 e 2020. Não importa quando seja, porque todos estão de acordo que, quando se alcançar esse pico, dois terços das reservas vão estar no Oriente Médio. Então o preço vai seguir refletindo uma série de instabilidades: o aumento da demanda chinesa, a instabilidade política na Venezuela e no Oriente Médio, a ameaça terrorista sobre os oleodutos no Iraque e a desvalorização do dólar.

#### **A desvalorização do dólar?**

Sim. Ao baixar o valor do dólar frente ao euro, os países petroleiros cobram mais para não perder poder aquisitivo na Europa, onde compram boa parte do que consomem. Isso nos envia um sinal de alerta: todo o mundo funciona com petróleo. Os alimentos possuem níveis de petróleo, que adquirem com as calamidades e os fertilizantes, os plásticos, a roupa sintética, o transporte, a luz, a calefação. Estamos em uma situação em que não se vê a luz no final do túnel, porque aumenta a demanda, a oferta se reduz, e é nisso que se resume a encruzilhada de nossa era.

#### **Depois dessa alta de que fala, se chegará a uma crise como a de 1973?**

Muito pior. A de 1973 não foi uma crise de oferta, foi uma crise política. Agora estamos falando de uma crise em que se reduz a oferta e aumenta a demanda mundial. Estamos no último meio século da era do petróleo como regime dominante, assim como a do carvão teve também seu fim. Todo mundo sabe, mas ninguém quer enfrentá-lo. Estamos em um desses pontos nevrálgicos na história, que eu chamo de ponto de entropia. Há muitas civilizações que

---

<sup>12</sup> A YPF, Yacimientos Petrolíferos Fiscales, da Argentina, foi privatizada pelo presidente Carlos Menem em 1991. (Nota do *IHU On-Line*).

paralisaram, porque não souberam trocar de fonte de energia, como a Roma antiga. Estamos em um ponto crítico.

#### **Enquanto durar o alto preço do petróleo, quem ganha e quem perde?**

Ninguém ganha, nem a OPEP nem as petroleiras. Talvez estejam cobrando preços altos, mas isso freia a economia mundial. Ao deter a economia, a demanda piora, e eles faturam menos. Em um editorial recente, descrevi a crise atual como a “tormenta perfeita”. Sobem o preço do petróleo, porque o dólar vale menos. Como o dólar vale menos, os Estados Unidos estão pior, então o governo tem que baixar os impostos para que tenhamos mais dinheiro, mas isso aumenta o déficit fiscal, logo os investidores não querem investir em dólares, porque a dívida pública já é muito elevada. Para rebater isso e atrair os investidores sobem os juros, mas isso volta a frear a economia e a debilitar o dólar. É a tormenta perfeita.

#### **A Argentina privatizou o petróleo na década passada. Parece-lhe que fez bem?**

Em nível macro, já que o petróleo é tão fundamental para nossa vida, privatizá-lo dá um poder enorme a um pequeno grupo de empresas que não são as escolhidas para fazê-lo para o resto da sociedade. Já que eles têm como primeira prioridade o lucro, pode aumentar a brecha entre os que têm e os que não têm. Se se deixar a questão em mãos privadas, o juro de curto prazo prevalece sobre o de longo prazo, que é sair da dependência petróleo.

#### **Esses juros freiam, com atos concretos, a utilização de fontes de energia renovável?**

O tema é bastante mais complicado. Eu leciono na principal universidade de negócios dos Estados Unidos e dou conferências para as grandes petroleiras. Eles sabem que estamos chegando ao fim da era do petróleo e estão se diversificando, mas não com a rapidez necessária. Shell e British Petroleum estão na vanguarda, estão de acordo com as estatísticas que descrevi antes, e têm um cenário traçado para a próxima década em função de que entre um terço e a metade da energia será renovável em meados do século. Estão comprando e desenvolvendo tecnologia para isso, mas seus esforços não são suficientes. Os presidentes das empresas têm uma visão de curto prazo, ainda que a empresa em si se dirija com horizontes de mais longo prazo. Nesta discussão, têm que participar também a sociedade civil e os governos, porque o aquecimento global é a maior conquista da humanidade negativamente falando. Mas conseguimos afetar todo o planeta por centenas ou milhares de anos, coisa que nunca tinha ocorrido antes, e o fizemos em um tempo curto.

#### **Você diz que a crise econômica mundial responde só ao preço do petróleo?**

Atualmente, estamos enfrentando três crises conectadas com o petróleo. Essas três crises, que vão definir o rumo do século XXI, são: a oferta de petróleo em si, a dívida do Terceiro Mundo e a crise política do Oriente Médio. É a fatura da entropia: faz 200 anos que queimamos combustíveis fósseis e duplicamos a quantidade de anidrido carbônico na atmosfera. A ONU publicou estudos dos melhores cientistas sobre o aquecimento global que falam de uma mudança climática de entre 2 e 10 graus Fahrenheit. Se forem 3 já é complicado, mas se poderia controlar. Mas se forem 8 ou 9 graus a mudança seria similar ao da última era glacial, quando todo o mundo ficou gelado.

#### **Como se conecta o problema da dívida com a crise da matriz energética?**

Neste momento, a distância entre ricos e pobres é a maior de toda a história. Em todos os tempos, sempre houve ricos e pobres mas nunca houve tanta diferença como agora. Hoje as 250 pessoas mais ricas do mundo têm ganhos equiparáveis aos de um terço da humanidade.

Três famílias têm um ingresso similar a 940 milhões de pessoas pobres. E nem falemos da Argentina. O que temos que entender é o preço que pagam os pobres pelo petróleo. Muitos de meus colegas diziam aos países do Terceiro Mundo na década do 1950 ou 1960 que se modernizassem, usando o petróleo. Naquele momento, o preço era de três dólares o barril, e ninguém imaginava que existiria a OPEP. Mas quando esta começou a atuar, o preço subiu para 12 dólares. Durante todos estes anos, os países em desenvolvimento tiveram que endividar-se para pagar estes preços. Se nós, nos países mais ricos, temos sido vitimados, o que dizer dos países subdesenvolvidos, que estão cada vez mais endividados.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Artigo da Semana

### O DECLÍNIO DA CLASSE MÉDIA

Por Robert Kurz

*Robert Kurz é sociólogo e ensaísta alemão, autor de **O Colapso da Modernização** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993) e **Os Últimos Combates** (Petrópolis: Vozes, 1998). **IHU On-Line** entrevistou Robert Kurz na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, que tratou da crise da sociedade do trabalho. O artigo a seguir foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, de 19 de setembro de 2004.*

Desde os meados dos anos 1980, o discurso pós-moderno imperou na discussão teórica global ao longo de quase duas décadas, principalmente na esquerda. A crítica da economia política foi substituída pela crítica da linguagem, e a análise das relações materiais objetivas, pela arbitrariedade da interpretação subjetiva; no lugar do economicismo tradicional de esquerda entrou um culturalismo de esquerda igualmente redutor e, no lugar do conflito social, a simulação midiática. Nesse meio tempo, porém, a situação se alterou radicalmente. A crise econômica atinge agora, mesmo no Ocidente, amplas camadas sociais, que até então haviam sido poupadas. É por isso que a questão social retorna no discurso intelectual. Mas as interpretações continuam com uma notória palidez e parecem francamente anacrônicas. A polarização entre pobres e ricos, exacerbando-se de forma irresistível, não encontrou ainda um novo conceito. Se o conceito marxista tradicional de "classe" tem uma súbita conjuntura favorável, isso é antes um sinal de desamparo. No entendimento tradicional, a "classe operária", que produz a mais-valia, era explorada pela "classe dos capitalistas" por meio da "propriedade privada dos meios de produção". Nenhum desses conceitos pode expor com exatidão os problemas atuais. A nova pobreza não surge por conta da exploração na produção, mas pela exclusão da produção. Quem ainda está empregado na produção capitalista regular já figura entre os relativamente privilegiados. A massa problemática e "perigosa" da sociedade não é mais definida por sua posição no "processo de produção", mas por sua posição nos âmbitos secundários, derivados, da circulação e da distribuição. Trata-se de desempregados permanentes, de destinatários de operações estatais de transferência ou de operadores de serviços nos domínios da terceirização, até chegar aos empresários da miséria, os negociantes de rua e os coletores de lixo. Essas formas de reprodução são, segundo critérios jurídicos, cada vez mais irregulares, inseguras e amiúde ilegais; a ocupação é irregular, e as rendas transitam no limite do mínimo necessário para a existência ou até caem abaixo disso.